

HIPERTEXTO / DIA DE COMBATE À VIOLÊNCIA

Quase 40 anos após a morte de Araceli, dados apresentados no Espírito Santo mostram que violência sexual contra crianças é uma rotina

ABUSO INFANTIL

UM CASO A CADA TRÊS HORAS

FREDERICO GOULART
fgoulart@redgazeta.com.br

Há 39 anos, um crime bárbaro chocava o país: com apenas 8 anos, a pequena Araceli Cabrera Crespo foi brutalmente assassinada, em Vitória. Ela desapareceu após sair da escola, na Praia do Suá. Foi drogada, estuprada, espancada, estrangulada. Os assassinos, com o objetivo de dificultar a identificação do corpo, ainda o imergiram em ácido. Vinte e sete anos depois, no mesmo 18 de maio, uma homenagem à garota instituiu o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infanto-Juvenil para evitar que mais crianças sejam vítimas de violência semelhante. Amanhã, a data será novamente lembrada. E, a julgar pelos números que o Estado de Araceli apresenta tantos anos depois do crime, é nítido que seu triste exemplo não serviu de lição.

Levando-se em conta a média de atendimentos feitos nos 49 Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas) de todo Estado, uma criança é vítima de abuso ou exploração sexual no Espírito Santo a cada três horas.

Neste ano, até abril, 176 denúncias foram registradas na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA). A maioria dos casos apresenta traços comuns: abusos cometidos por pais ou padrastos em meninas cuja idade varia entre 0 e 11 anos. Grande parte dessas vítimas – assim como o exemplo de Araceli – ainda espera por uma solução.

Apesar da comoção popular, o silêncio marcou o crime da menina. Mesmo com as 5 mil folhas de um inquérito divididas em 26 volumes e com os 517 depoimentos de 304 pessoas, o processo não apresentou uma solução. Diante da falta de provas, os principais acusados acabaram tendo o júri anulado, e o crime hoje está prescrito, ou seja, os responsáveis não podem mais ser punidos.

Até o corpo de Araceli ser localizado, atrás do Hospital Infantil, na Praia do Canto, foram seis dias de angústia para os pais da garota. Mas a dor da família



Crueldade

Aos 8 anos, Araceli foi estuprada e morta em Vitória. A menina virou símbolo da luta contra violência no país. FOTO: Arquivo

estava apenas começando: o cadáver da criança só foi reconhecido oficialmente após três anos. O que ficou da história foram muitas versões de um mesmo caso: entre os acusados estão Dante Michelini e Paulo Helal, conhecidos pelas

festas que promoviam na área nobre de Vitória. Até mesmo a mãe de Araceli foi apontada como fornecedora de cocaína para pessoas influentes da região, inclusive para os próprios assassinos.

Para a coordenadora do Programa de

Atendimento a Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), Margarita de Mateos, a grande quantidade de menores vítimas da mesma violência sofrida por Araceli no Estado tem uma única razão: “A Justiça não funciona”, diz. Ela reclama da falta de um vara especializada em crimes contra crianças e adolescentes, o que obriga os casos a seguirem para as demais varas criminais. “Já participei de audiências seis anos depois do crime”, aponta.

PUNIÇÃO

O delegado Marcelo Nolasco, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), concorda. Ele explica que hoje, medidas protetivas – que afastam agressores das vítimas – podem sair no dia em que foram solicitadas à Justiça ou podem demorar até seis meses para serem expedidas. A punição para esse crime varia de oito a 12 anos de prisão. Se quem cometer o crime for parente, familiar ou responsável, a pena pode aumentar em 50%.

Coordenadora das Varas da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJES), a juíza Janete Pantaleão alerta que, atualmente, as decisões têm saído mais rapidamente. “Existe uma atenção maior à denúncia, especialmente quando há lesão ou vestígio. O réu é julgado em processo criminal que não demora mais que um ano”, garante. A juíza também aponta que é trabalhado um prazo de até 48 horas para que saia a decisão de manter o agressor longe da criança. “Há casos em que conseguimos isso em menos tempo”, aponta.

Segundo a magistrada, um dos grandes problemas para identificação dos casos ocorre quando o crime não deixa marcas. Em muitas dessas situações, fica caracterizado que a denúncia não passa de uma tentativa, por parte da família, de incriminar pai ou padrasto por problemas de guarda da criança. “Isso é uma irresponsabilidade, pois, mesmo que não tenha acontecido o abuso, a situação pode causar traumas ao menor”, diz. Em casos concretos ou não, Janete Pantaleão explica que as crianças são ou-

O TAMANHO DO PROBLEMA

Atendimentos nos Centros de Referência Especializados de Assistência Social do municípios (Creas), entre janeiro e março deste ano

Total de unidades:

49

Municípios:

47

CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Meninos	de 0 a 12 anos	105
	de 13 a 17 anos	31
Meninas	de 0 a 12 anos	228
	de 13 a 17 anos	124

CRIANÇAS VÍTIMAS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL

Meninos	de 0 a 12 anos	15
	de 13 a 17 anos	103
Meninas	de 0 a 12 anos	27
	de 13 a 17 anos	120

Total de vítimas de abuso ou exploração:

753

Média: mais de oito casos por dia; um a cada três horas

POR MUNICÍPIO

Vitória

30 novos casos

Das 215 crianças e adolescentes acompanhados:

70% meninas

30% meninos

54% têm entre 0 e 11 anos

46% entre 12 e 17 anos

Serra

Até março 42 menores atendidos.

Em 2011: 413 vítimas de abuso sexual

Vila Velha

De janeiro e abril deste ano: 18 casos

Em todo o ano de 2011: 73

Cariacica

De janeiro a abril deste ano: 5 vítimas de violência sexual por parte de pais e 4 agredidos por terceiros

Em 2011: 28 vítimas de pais e 47 por terceiros

Programa de Assistência às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis)



Entre 1998 e 2008, 2.260 menores foram atendidos

Entre 2008 e setembro de 2011 o programa atendeu somente adultos. De outubro do ano passado até hoje, foram 56 casos

Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA)

Entre janeiro e abril deste ano	176 crimes de abuso sexual
No mesmo período de 2011	187
No mesmo período de 2010	108
Em todo o ano passado	448

Fontes citadas

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

TRAUMA

“De todas as violências cometidas contra o menor, o abuso sexual é a que mais agride e choca. O trauma é enorme”

JANETE PANTALEÃO
JUÍZA COORDENADORA DAS VARAS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

“A Justiça não funciona, e temos uma rede de proteção à criança que está furada”

MARGARITA DE MATEOS
COORDENADORA DO PROGRAMA DE ATENDIMENTO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL (PAVIVIS)

vidas para que se ter certeza de que tipo de violência foi cometida.

PROTEÇÃO

Segundo o delegado Marcelo Nolasco, assim que a ocorrência tem início, a criança é imediatamente encaminhada a exames médicos de conjunção carnal, coito anal e lesão corporal. São colhidos os depoimentos, e o caso é encaminhado à Justiça. Se os abusos partem de alguém da própria casa, há dois caminhos a serem seguidos: afastar o agressor ou proteger a vítima em um abrigo. A segunda opção é contestada por Margarita, que considera o abrigamento uma punição a quem sofreu a violência.

Apesar dos números já expressivos, especialistas apontam que 10% dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes não são denunciados. A justificativa para isso é o medo. “Crianças têm medo de represália. O agressor é intimidador”, observa o delegado Nolasco.

MAIS TEMPO PARA PRESCRIÇÃO

Uma medida que pode ajudar a solucionar esse problema é um projeto de lei, aprovado na Câmara dos Deputados, na última semana, que aumenta o prazo para denunciar pedófilo. Com a mudança, o tempo para a prescrição dos crimes sexuais contra crianças e adolescentes deve passar a contar a partir do momento em que a pessoa abusada completar 18 anos. O texto, apelidado de “Lei Joanna Maranhão”, está na mesa da presidente Dilma Rousseff à espera de aprovação.

O projeto foi proposto em 2009, pela CPI da Pedofilia. Ganhou o nome de Joanna Maranhão em referência à nadadora bra-

sileira, que confirmou, em 2008, ter sido abusada por um treinador. Assim, virou símbolo dos limites da punição pela Justiça. Hoje, o prazo de prescrição começa no momento em que o crime é praticado e varia a depender da violência cometida. Muitas vezes, o crime prescreve antes mesmo de a vítima completar a maioridade ou logo depois. Isso impede ou dá uma margem de tempo muito curta para que a pessoa abusada decida entrar com uma ação, o que só é possível com a maioridade.

“Acho a medida positiva, pois garante que a criança vá atrás, sozinha, do seu direito”, diz o delegado. Janete Pantaleão enaltece a nova regra, apontando que a iniciativa de quem foi abusado poder fazer a denúncia pode ajudá-lo a amenizar o trauma sofrido com a agressão. A lei não vai alterar casos que já tenham sido denunciados no passado.

TRATAMENTO

Para Margarita de Mateos, um dos caminhos para amenizar o problema da exploração e abuso sexual de crianças é especializar a rede de proteção a elas. “Precisamos de uma melhoria, não de uma rede furada, como existe hoje.” Ela explica que o tratamento para apagar o trauma não conta com pessoas especializadas e não garante a segurança dos menores. “O começo desse trabalho tem que ser imediato: o afastamento dos responsáveis pela agressão, o que quase não é visto hoje. A recuperação pode durar mais de cinco anos.” Para os agressores, a coordenadora do Pavivis salienta que pode haver recuperação, mas apenas enquanto jovens. Em caso de adultos, a punição—desde que ela aconteça—é o único caminho.

Homenagens com sarau de poesia e caminhada

ABR/ARQUIVO

◀ O próximo fim de semana será marcado por homenagens no Dia Nacional de Combate ao Abuso, à Violência e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. Caminhada e sarau de poesias vão marcar a data, em Vitória. A dor das vítimas e os empecilhos no enfrentamento a esse tipo de violência também serão representados por vários laços de cor roxa, que serão espalhados pela cidade.

Amanhã, será realizada uma apresentação do Projeto Boca, na praça do bairro Jardim Camburi, às 19h. Haverá declamação de poesia, batalhas de MCs e grafiteagem.

No domingo, a Praia de Camburi também será palco para manifestação. As 9 horas, haverá a Caminhada Pelo Fim Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. A saída será do píer de Iemanjá, e os participantes seguirão até o Clube dos Oficiais.

Ainda dentro do programa, no dia 25 será



Todo ano, eventos marcam a data no país

realizado o Seminário de Enfrentamento à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, às 8h, na Escola Neusa Nunes, no bairro São Pedro. As ações são promovidas pelo Fórum Municipal de Enfrentamento à Violência, ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes.